

Aos dez dias do mês de outubro de 2024, reuniram-se os membros do Conselho de Previdência do Fundo de Previdência Social do Município de Edéia, Estado de Goiás, Sra. Raphaela Alves Resende, Gestora Administrativa, Sr. Divino Gesuíno da Silva, Tesoureiro, Sra. Divani Teles da Silva Assis, Presidente, Sra. Ivone Rodrigues da Silva, secretária, Sra. Jordhana Cristina Pires de Souza, Sra. Murillo Teles Moretto, Sra. Germana Stella de Souza Vitória e Sr. Zilmar Faria Barros para deliberar sobre o fechamento dos resultados referente a carteira de investimentos do Edéia Prev no mês de setembro de 2024. A gestora administrativa, Sra. Raphaela, relata que o portfólio de aplicações, em setembro de 2024, encerrou com um valor total de R\$ 14.463.689,91, além de um saldo remanescente em disponibilidades financeiras de R\$ 27.747,45. O patrimônio supracitado encontra-se distribuído em sete fundos de investimentos geridos e administrados pela Caixa Econômica Federal, detentora de 19,63% das aplicações, pelo Banco do Brasil, detentor de 72,95% dos recursos e Bradesco com 7,42% do patrimônio do Edéia Prev. Divino salienta que do total de recursos investidos, 19,26% estão alocados no segmento IDKA IPCA 2A, seguido por 2,12% em IPCA, 12,22% em CDI e 66,39% em IRF-M 1. O mês de setembro trouxe primeiro as expectativas sobre a condução da política monetária aqui e nos Estados Unidos, a confirmação das decisões na “Super Quarta” e agora as ponderações sobre quais movimentações serão feitas a seguir. Além disso, o mercado também esteve atento ao aumento de percepção do risco fiscal no Brasil e a anúncios de estímulos financeiros pelo governo da China. Destaque na agenda do mês, o Federal Reserve (Fed, o banco central americano) anunciou um corte na taxa de juros pela primeira vez em quatro anos: os Fed Funds foram reduzidos em 50 pontos-base, para um nível de 4,75% a 5%. Na ocasião, o presidente do Fed, Jerome Powell, já havia adiantado que o movimento não deveria ser interpretado como o ritmo que a instituição seguirá nas próximas reuniões. E, hoje, ele sinalizou que o corte de juros de 50 pontos-base visto na reunião de setembro pode ter sido o único desta magnitude em 2024. A fala impulsionou o dólar e os juros dos Treasuries – os títulos do Tesouro americano –, em detrimento de ativos de risco, pressionando as bolsas de Nova York, à medida que os mercados ampliavam posições para um panorama de flexibilização menos agressiva. Mesmo assim, as bolsas conseguiram se

sustentar em alta, com traders eufóricos com o desempenho acionário no trimestre encerrado hoje. Os índices Dow Jones, S&P 500 e Nasdaq fecharam o período com altas de 8,21%, 5,53% e 2,57%, respectivamente. No mês, os índices tiveram alta de aproximadamente 2%. Por outro lado, o dólar acumulou queda no mês, de 0,90% ante rivais fortes e de 3,33% ante o real. No âmbito local, os motivos ficam com os estímulos econômicos anunciados pelo governo chinês e o diferencial entre juros interno e externo – o que, em tese, aumenta a atratividade para operações de carry trade. Isso porque, na contramão do movimento do Fed, o Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central aumentou a taxa Selic em 25 pontos-base, para 10,75% ao ano, em decisão unânime. No entanto, o economista-chefe da Western Asset, Adauto Lima, diz que em uma perspectiva de mais longo prazo, o real segue pressionado pela percepção fiscal. “Ao final de agosto, o dólar estava quase em R\$ 5,70, muito pressionado por questões fiscais. Esse mês tivemos certo apaziguamento. Antes o mercado tinha medo de que o governo não cumpriria a meta fiscal ‘de jeito nenhum’. Parte desse risco foi retirado, mas ainda não de maneira definitiva, e a discussão vai continuar por bastante tempo”, diz Gean Lima, estrategista e trader da Connex Capital. O cenário é que, neste mês, houve uma piora da percepção sobre as contas públicas, hoje renovada pelo resultado do setor público em agosto. O déficit de R\$ 21,4 bilhões ficou em linha com a mediana das estimativas (R\$ 21 bilhões), mas a abertura do dado acentuou o temor de que o País possa entrar em dominância fiscal, na qual a política monetária perde sua eficácia em meio ao crescimento do endividamento público. Isso depois de um Relatório Bimestral de Receitas e Despesas mal recebido pelo mercado na semana passada. Assim, os juros futuros terminam setembro com avanço expressivo na comparação aos níveis de fechamento de agosto. No acumulado do mês, as taxas de curto e médio prazos foram as que mais subiram. Houve queda nos níveis de inclinação da curva, com o diferencial entre as taxas para janeiro de 2029 e janeiro de 2026 saindo de 26,6 pontos no fim de agosto para 15 pontos hoje. Já o Ibovespa acumulou perda de 3,08% em setembro, interrompendo a série de recuperação entre junho e agosto. Já no trimestre, o índice acumulou avanço nominal de 6%. Neste mês, o Ibovespa sentiu as movimentações de blue chips ligadas a commodities, oscilando em vista do noticiário corporativo e dos sinais sobre a

economia chinesa. No caso das petrolíferas, ainda, houve impacto dos preços do petróleo, de olho nas tensões geopolíticas no Oriente Médio. Tendo isto posto, o gestor conclui que o portfólio encerrou o mês de setembro de 2024 com valorização de 0,74%, insuficiente para atingimento da meta atuarial acumulada em 0,86%. Em 2024 a carteira de investimentos acumulou rentabilidade de 5,92% frente aos 7,22% da necessidade mínima atuarial. Sem mais assuntos a serem tratados encerra-se a reunião.

Divani Teles da Silva Assis

Divani Teles da Silva Assis - Presidente

Ivone Rodrigues da Silva

Ivone Rodrigues da Silva – Secretária

Raphaella Alves Resende

Raphaella Alves Resende – Gestora

Divino Gesuino da Silva

Divino Gesuino da Silva – Tesoureiro

Jordhana Cristina Pires de Souza

Jordhana Cristina Pires de Souza - Conselheira

Germana Stella de Souza Vitória

Germana Stella de Souza Vitória - Conselheira

Murillo Teles Moretto

Murillo Teles Moretto – Conselheiro

Zilmar F. Barros

Zilmar Faria Barros – Comitê de Investimento